

A SEMANA – 89

John Gledson

No domingo de Carnaval, era mais ou menos obrigatório escrever sobre a festa, mesmo neste ano em que fora proibido comemorá-lo na rua. O cronista discorre sobre a moda e suas idas e vindas, tão circulares que talvez até voltemos à nudez primitiva (uma maneira oblíqua de se referir à crise econômica). A referência aos chapéus lembra o conto “Capítulo dos chapéus”, de 1884, mas situado em 1879, quando os chapéus altos, *de rigueur* em 1869 (“há 25 anos”), cediam a vez aos baixos, mais “democráticos”; o assunto das polcas, e seus títulos graciosos e aleatórios, também lembra o conto “O homem célebre”, de 1888, e a crônica um pouco anterior, da série “Gazeta de Holanda” de 20 de janeiro de 1887. Por fim, porém, volta a assuntos mais lúgubres, a febre amarela, as mortes de três figuras importantes. Novamente, quase sem querer, a crônica cai na melancolia.

Esta crônica consta de *A Semana*, de Mário de Alencar, p. 112-115.



A SEMANA

4 de fevereiro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Quando eu li que este ano não pode haver carnaval na rua, fiquei mortalmente triste.¹ É crença minha, que no dia em que o deus Momo for de todo exilado deste mundo, o mundo acaba. Rir não é só *le propre de l'homme*,² é ainda uma necessidade dele. E só há riso, e grande riso, quando é público, universal, inextinguível, à maneira dos deuses de Homero, ao ver o pobre coxo Vulcano.³

Não veremos Vulcano estes dias, cambaio ou não, não ouviremos chocalhos, nem guizos, nem vozes tortas e finas. Não sairão as sociedades, com os seus carros cobertos de flores e mulheres, e as ricas roupas de veludo e cetim. A única veste que poderá aparecer, é a cinta espanhola,⁴ ou não sei de que raça, que dispensa agora os coletes e dá mais graça ao corpo. Esta moda quer-me parecer que pega; por ora, não há muitos que a tragam. Quatrocentas pessoas? quinhentas? Mas toda religião começa por um pequeno número de fiéis. O primeiro homem que vestiu um simples colar de miçangas, não viu logo todos os homens com o mesmo traje; mas pouco a pouco a moda foi pegando, até que vieram atrás das miçangas, conchas, pedras verdes e outras. Daí até o capote, e as atuais mangas de presunto,⁵ em que as senhoras metem os braços, que caminho! O chapéu baixo, feltro ou palha, era há 25 anos uma minoria ínfima. Há uma chapelaria nesta cidade, que se inaugurou com chapéus altos em toda a parte, nas portas, vidraças, balcões, cabides, dentro das caixas, tudo chapéus altos. Anos depois, passando por ela, não vi mais um só daquela espécie; eram muitos e baixos, de vária matéria e formas variadíssimas.

Não admira que acabemos todos de cinta de seda. Quem sabe se não é uma reminiscência da tanga do homem primitivo? Quem sabe se não vamos remontar os

¹ Nos dias 1º e 2 de fevereiro foram publicados decretos anunciando que, por causa do estado de sítio e dos perigos do bombardeio vindo da frota rebelde, o carnaval só podia celebrar-se dentro das casas.

² Da introdução “Aux lecteurs”, de *Gargantua et Pantagruel*, de François Rabelais (c. 1494-1553): “Mieux est de ris que de larmes écrire / Pour ce que rire est le propre de l'homme.”

³ Referência à *Ilíada*, I, v. 599-600; os deuses riem quando veem Vulcano (Hephaistos, em grego), claudicando pelo palácio de Júpiter. A mesma cena é lembrada em *Quincas Borba*, cap. LII, a propósito da queda de um carteiro.

⁴ Não sei a que se refere exatamente: será à cintura larga, típica do bailador de flamenco?

tempos até ao colar de miçangas? Talvez a perfeição esteja aí. Montaigne é de parecer que não fazemos mais que repisar as mesmas coisas e andar no mesmo círculo; e o Eclesiastes diz claramente que o que é, já foi, e o que foi, é o que há de vir.⁶ Com autoridades de tal porte, podemos crer que acabarão algum dia alfaiates e costureiras. Um colar apenas, matéria simples, nada mais; quando muito, nos bailes, um simulacro de *gibus*⁷ para pedir com graça uma quadrilha ou uma polca. Oh! a polca das miçangas! Há de haver uma com esse título, porque a polca é eterna, e quando não houver mais nada, nem sol, nem lua, e tudo tornar às trevas, os últimos dois ecos da catástrofe derradeira dançarão ainda, no fundo do infinito, esta polca⁸ oferecida ao Criador: *Derruba, meu Deus, derruba!*⁹

Como se disfarçarão os homens pelo carnaval, quando voltar a idade da miçanga? Naturalmente, com os trajes de hoje. A *Gazeta de Notícias* escreverá por esse tempo um artigo, em que dirá: “Pelas figuras que têm aparecido nas ruas, terão visto os nossos leitores até onde foi, séculos atrás, já não diremos o mau gosto, que é evidente, mas a violação da natureza, no modo de vestir dos homens. Quando possuíam as melhores casacas e calças, que são a própria epiderme, tão justa ao corpo, tão sincera, inventaram umas vestiduras perversas e falsas. Tudo é obra do orgulho humano, que pensa aperfeiçoar a natureza, quando infringe as suas leis mais elementares. Vede o lenço; o homem de outrora achou que ele tinha uma ponta de mais, e fez um tecido de quatro pontas, sem músculos, sem nervos, sem sangue, absolutamente imprestável, desde que não esteja ao alcance da pessoa. Há no nosso museu nacional um exemplar dessa ridicularia. Hoje, para dar uma ideia viva da diferença das duas civilizações, publicamos um desenho comparativo, dois homens, um moderno, outro dos fins do século XIX; é obra de um jovem pintor, que diz ser descendente do¹⁰ Belmiro;¹¹ foi descoberto por um dos redatores desta folha, o nosso excelente companheiro João, amigo de todos os tempos.”

Que não possa eu ler esse artigo, ver as figuras, compará-las, e repetir os ditos do Eclesiastes e de Montaigne, e anunciar aos povos desse tempo que a civilização mudará outra vez de camisa! Irei antes, muito antes, para aquela outra Petrópolis, capital da vida eterna. Lá ao menos há fresco, não se morre de insolação, nome que já entrou no

⁵ Mangas bufantes ou “infladas”, que em francês se chamam “manches-gigot”; era moda em 1894.

⁶ Eclesiastes 1: 9. Foi impossível localizar a citação de Montaigne, que bem pode ser apócrifa, ou de outro autor. Na crônica de 1º de setembro de 1895, Machado volta a citá-la, mas agora diz-se incerto de onde se encontra, ou se é mesmo de Montaigne.

⁷ Chapéu alto com uma mola dentro, que assim podia ser reduzido a uma forma plana.

⁸ Aqui Aurélio acrescenta uma vírgula, que não achamos necessária.

⁹ No conto “Um homem célebre” Machado já comentava em tom humorístico a moda de dar às polcas da moda títulos aleatórios, às vezes alusivos à política ou picantes.

¹⁰ A *Gazeta* tem “do”, que Aurélio muda para “de”.

¹¹ Sem dúvida refere-se ao famoso pintor Belmiro de Almeida (1858-1935), que nesse momento ocupava uma cadeira na Escola Nacional de Belas Artes.

nosso obituário, segundo me disseram esta semana.¹² Não se pode imaginar a minha desilusão. Eu cria que, apesar de termos um sol de rachar, não morreríamos nunca de semelhante coisa. Há anos deram-se aqui alguns casos de não sei que moléstia fulminante, que disseram ser isso;¹³ mas vão lá provar que sim ou que não. Para se não provar nada, é que o mal fulmina. Assim, nem tudo acaba em cajuada,¹⁴ como eu suponha; também se morre de insolação. Morreu um, morrerão ainda outros. A chuva destes dias não fez mais que açular a canícula.¹⁵

De resto, a morte escreveu esta semana em suas tabelas, algumas das melhores datas, levando consigo um Dantas, um José Silva, um Coelho Bastos.¹⁶ Não se conclui que ela tem mais amor aos que sobrenadam, do que aos que se afundam; a sua democracia não distingue. Mas há certo gosto particular em dizer aos primeiros, que nas suas águas tudo se funde e confunde, e que não há serviços à pátria ou à humanidade, que impeçam de ir para onde vão os inúteis ou ainda os maus. Vingue-se a vida guardando a memória dos que o merecem, e, na proporção de cada um, distintos com distintos, ilustres com ilustres.

Essa há de ser a moda que não acaba. Ou caminhemos para a perfeição deliciosa e eterna, ou não façamos mais que ruminar, perpétuo camelo, o mesmo jantar de todas as idades, a moda de morrer é a mesma... Mas isto é lúgubre, e a primeira das condições do meu ofício é deitar fora as melancolias, mormente em dia de carnaval. Tornemos ao carnaval, e liguemos assim o princípio e o fim da crônica. A razão de o não termos este ano, é justa; seria até melhor que a proibição não fosse precisa, e viesse do próprio ânimo dos foliões. Mas não se pode pensar em tudo.



¹² Na *Gazeta* de 29 de janeiro comenta-se “a marcha rapidamente ascendente que vai tendo a atual epidemia da febre amarela”. Era sabido que se tentava por várias maneiras encobrir o número de vítimas da febre amarela; uma delas era a atribuição das mortes a outras causas, às vezes inventadas.

¹³ Na crônica de “Bons Dias!” de 19 de março de 1889, Machado comenta este outro pseudônimo da temida doença: “acesso pernicioso fulminante”.

¹⁴ “cajuada”: confusão.

¹⁵ A canícula era, segundo os gregos e romanos, a época em que a estrela Sírius, conhecida como *Canis Majoris*, voltava ao céu noturno (no hemisfério norte), e trazia consigo uma temporada quente e abafada, também conhecida em inglês como “the dog days”. Vale a pena notar como, com precisão e economia, Machado extrapola este sentido etimológico para descrever o efeito da chuva, que só aumentou – espicçou, açulou, como se fosse um cachorro – o calor.

¹⁶ Conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas (1831-1894), político liberal, presidente do Conselho de junho de 1884 a maio de 1885, quando apresentou o projeto de emancipação dos escravos sexagenários, aprovado só no governo seguinte; professor José Silva (1830-1894), médico e catedrático da Faculdade de Medicina e republicano histórico; o desembargador João Coelho Bastos (1835-1894), chefe de polícia no Rio de Janeiro durante o governo conservador do barão de Cotegipe, no período mais agitado da campanha abolicionista.